

Três notas alcobacenses

Um Códice perdido Um Livro de Milagres Concordâncias Bíblicas

1. O «*Summa Chronicarum*» perdido

Em ocasião anterior¹ contestámos a identificação² de fragmentos da *Chronica Gothorum* repartidos entre Madrid (Real Academia da História, ms. 81) e Londres (B. L., Egerton ms. 1934) como pertencendo a um códice alcobacense utilizado por João Vaseu³. No apontamento então apresentado chamávamos a atenção para a inconsistência de um pressuposto que consistia em tomar como dado adquirido ser o extravio do alcobacense atribuível àquele humanista. Aduzimos como argumento suficiente para remover tal suspeita o testemunho de Fr. António Brandão deixado entre os materiais manuscritos⁴ preparatórios da *Terceira Parte da Monarquia Lusitana*,

¹ Sob o título «Em busca dos códices alcobacenses perdidos», *Didaskalia*, IX, 1979, pp. 279-288.

² CRISTÓBAL RODRÍGUEZ ALONSO, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla*, Leão, 1975, p. 136. Publicado depois dessa data, e muito embora sem possibilidade para o seu autor de reformular a questão depois de conhecida a nossa análise, JOSÉ EDUARDO LOPEZ PEREIRA, *Cronica Mozarabe de 754 (edición crítica y traducción)*, Saragoça, 1980, p. 7 ss.. Sublinhe-se, no entanto, que estes dois trabalhos eram tributários da análise feita pelo Prof. Manuel C. Díaz y Díaz particularmente em «La transmisión textual del Biclarense», *Analecta sacra Tarraconensia*, XXV, 1963, p. 57-76, onde aliás a suspeita de perda irreparável do códice alcobacense era deixada já como provável. Cfr. também M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *De Isidoro al siglo XI — Ocho estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona, 1976, onde a pp. 119-140 se inclui o estudo citado; tenha-se particularmente em conta a nota 54, à pág. 138.

³ JOHANNES VASAEUS, *Chronici rerum memorabilium Hispaniae I*, Salamanca, 1552.

⁴ Alc. 116, fol. 310v-311; Alc. 117, fol. 336.

onde aquele erudito cisterciense dizia expressamente tê-lo ainda visto e utilizado, antes de alguém o ter entretanto feito desaparecer. Referimo-nos igualmente à existência de variantes entre o alcobacense e o texto inserido no Homiliário conimbricense (Santa Cruz 4 = BPM Porto 23), marcadas no apontamento de A. Brandão e algumas (ainda que com incorrecções) na edição impressa⁵, para cujo texto utilizou um outro manuscrito que pertencera a A. Resende e estava, ao tempo, na posse de Manuel Severim de Faria. Concluíamos que, dada a identidade entre o complutense editado por Florez e o conimbricense, e vistas as variantes entre estes e o alcobacense, os fragmentos em causa não podiam ser atribuídos a este.

Quase em simultâneo, G. V. SUMNER⁶, da Universidade de Toronto, partindo das divergências notadas entre o texto de Isidoro Pacense tomado por Vaseu do alcobacense e a edição de Mommsen para a *Crónica Moçárabe de 754*, nos *Chronica Minora* dos MGH, chegava a idêntica conclusão. Cinco variantes lhe bastavam para demonstrar que tais fragmentos não pertenciam ao alcobacense:⁷

1) divergência de data para um eclipse de sol: 757 VMP: 758 A

2) variante de nome:

Moabias *Vasaeus ipse*: Maule V (ex Alc.): Mauie A

3) grafia constante e diferente de:

Emer V (ex Alc.): Homer *alii*: Amer M A

4) variante ortográfica para:

Attuman *siue* Attoman V: Atthuman *siue* Atthoman A: Actuma *siue* Autuman *siue* Attoma M: Attuman *siue* Autuman *siue* Attoman P

5) interpolação comum a V M P do passo referente ao bispo toledano Cixila: *floruit aera septingentesima octogesima secunda*.

Nem todas as variantes aduzidas por Sumner apresentam obviamente valor idêntico; as de data são matéria demasiado frágil e as de carácter gráfico não chegam para criar oposição. A argumentação final assenta sobre os pontos 3 e 4, deixando de lado o 5, por não poder comprovar que o passo não existia em A, muito embora falte em outros testemunhos, como no ms. segobrigense. Os indícios

⁵ Publicada em Lisboa, 1632. As incorrecções apenas poderão comprovar uma intervenção estranha ao trabalho de A. Brandão, o que não é para admirar dentro dos hábitos da tipografia setecentista.

⁶ G. V. SUMNER, «El perdido codice alcobacense y la Cronica Mozarabe de 754», *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 177, 1980, n.º 2, pp. 343-346.

⁷ As siglas utilizadas têm as seguintes correspondências: V = Vaseu (ex Alcobacensi); M = Madrid, Universidade Complutense, ms. 116, n.º 46, antes n.º 134 (sec. XIII); P = Paris, Biblioteca do Arsenal, ms. 982 (sec. XIV); A = frags. de Madrid e Londres (que, segundo a tradicional interpretação que remonta a Mommsen, pertenceriam ao Alcobacense perdido).

recolhidos permitem-lhe contudo formular conclusões que interessará resumir:

1) O códice utilizado por Vaseu pertencia ao mesmo braço da tradição que M e P (v. interpolação do n.º 5).

2) Porém não pode ser identificado com M P. Mommsen supusera «duo libri ex archetipo communi desperdito ipso, descripto autem ex Alcobacensi». Contudo M e P não podem ser considerados gémeos, até porque não contêm as mesmas coisas. Haverá que tomar V como afim dos aparentados M P. As relações entre A e M P V talvez tenham que ser consideradas como mais afastadas que um grau no stemma.

3) O códice utilizado por Vaseu não foi ainda reencontrado, mas devia derivar, como M (complutense) e P (parisino), directamente de A (de que restam os fragmentos de Madrid e Londres).

Ao trabalho de Sumner caberia fazer uma objecção de carácter metodológico, pois, para ser consequente na sua análise, haveria que ter procedido a prova de fidelidade relativamente à transcrição exacta feita por Vaseu sobre o alcobacense. Sumner limita-se, efectivamente, no ponto 3 da apresentação dos dados, a depor sobre base de uma condicional: «portanto, se podemos confiar em Vaseu, autor geralmente fidedigno, o códice alcobacense era distinto de qualquer outro manuscrito hoje existente».

Reconheçamos que, sem contra-testemunho derivado igualmente do alcobacense perdido, seria impossível a Sumner proceder à prova que faltava. Ora, em seu abono é possível trazer a concordância entre Vaseu e as notas manuscritas⁸ tomadas por A. Brandão para a *Chronica Gothorum*:

Era 466 (Gothi) ingressi sunt Hispaniam ubi regnaverunt annis 383 (=Vasaetus, fol. 114r);

Era 812 Silo (...) regnavit annis VIII mense uno die uno (=Vasaetus, fol. 120v);

Era 821 Mauregatus regnavit annis V, mensibus VI (=Vasaetus, fol. 121r).

É sabido que nada é mais vulnerável e susceptível a alterações que a transcrição de datas em numeração romana; a contraprova, se quisermos fazê-la, está nas variantes introduzidas na própria edição de A. Brandão. Porém a coincidência entre Vaseu (onde a numeração

⁸ Sublinhamos que há que ter em conta as notas manuscritas e não o texto impresso, pois aí foram introduzidas alterações relativamente àquelas.

romana dá lugar a transcrição por extenso) e o manuscrito de Brandão é um dado a reter para comprovar o escrúpulo de Vaseu ao recolher a informação do manuscrito alcobacense.

No conjunto, e perante a convergência de indícios, poderemos concluir uma vez mais:

1) Os frags. de Madrid (Real Academia da História, ms. 81) e Londres (B. L., Egerton ms. 1934) não pertencem ao códice alcobacense perdido, visto e testemunhado pela última vez no séc. xvii por Fr. António Brandão, em Alcobaça, e cujo conteúdo era constituído por uma *Summa Chronicarum Eusebii etc.*

2) Os únicos testemunhos que dele nos restam são os que podemos recolher em Vaseu ou entre as notas manuscritas de A. Brandão, tomadas quando este erudito cisterciense preparava a *Terceira parte da Monarquia Lusitana*.

3) O ms. alcobacense não está na origem de outros e apresentava variantes significativas (omissões) relativamente à versão da *Chronica Gothorum* dada pelo homiliário de Santa Cruz de Coimbra, de 1193, segundo se pode concluir das próprias sinalefas apostas nos seus apontamentos por A. Brandão.

4) Dada a importância atribuída à *Summa Chronicarum* é muito provável que o códice alcobacense não tenha sido destruído, mas se encontre algures, ainda não identificado.

2. A colecção de milagres marianos do Alc. 149

Ao estudo por nós apresentado em *Didaskalia*⁹ sobre o *Mariale* do Alc. 149 (séc. xii/xiii) importará acrescentar duas notas.

A primeira para três pequenas correcções, e a segunda para assinalar um códice de conteúdo semelhante na Biblioteca Nacional de Madrid.

1) As correcções dizem respeito a três pequenos lapsos, dois deles escapados na revisão final, mas que oportunamente foram notados pelo olhar sempre atento e benevolente de H. Silvestre¹⁰: p. 345 — Godofredo de S. Vítor não se identifica com Godofredo, *alias*, Geoffroy de Breteuil (cfr. *Revue Bénédictine*, 74, 1964, p. 169) e por isso é de eliminar o parêntese de identificação; p. 346, o texto

⁹ «Um *Mariale* alcobacense», *Didaskalia*, 9, 1979, pp. 339-412.

¹⁰ *Bulletin Codicologique* anexo a *Scriptorium*, 25, 1981, n.º 2, p. 156 (n.º 854).

atribuído a Ps.-Hieronimus tem como autor Pascásio Radberto (cfr. *Clavis Patrum Latinorum*, n.º 633, p. 146); p. 351, *sub* 104r, «*crux*» deve ser lido ou entendido como «*crus*».

2) No estudo do Alc. 149 supuséramos que tal códice seria o único testemunho peninsular conhecido a registar uma colecção de milagres próxima da série documentada pelos *Milagros de Nuestra Señora* de Gonzalo de Berceo.

Importará rectificar tal asserção, pois, efectivamente, apenas a dificuldade de obter uma informação bibliográfica unitária e completa¹¹ pode desculpar que não tenhamos registado a notícia dada em 1971 por R. P. KINKADE, relativamente ao ms. 110 da Biblioteca Nacional de Madrid como testemunho de fonte latina para os *Milagros* de Berceo¹².

A partir da descrição do conteúdo que aquele investigador nos proporciona não será descabido estabelecer um confronto com o nosso alcobacense, que, de resto, não é citado e certamente também não era conhecido.

Se tivermos em conta que os *Milagres* ocupam no Alc. 149, a parte central de um todo que facilmente pode ser apresentado como compreendendo mais duas outras, reconheceremos que o ms. 110 da B. N. de Madrid coincide com ele quase só quanto a essa parte central. De toda a primeira parte apenas coincide o *De Nativitate Beatae Mariae Virginis*, de Pascásio Radberto (e não Pseudo-Hieronimus, como se corrigiu acima).

O *corpus miraculorum* do Madrid ms. 110, tal como o do Alc. 149, é constituído por dois grupos: o primeiro formado por 47 (48 no alcobacense) milagres tomados de várias séries anónimas do tipo Pez-HM; o segundo reproduz o *Libellus de miraculis Beatae Mariae in urbe Suessionensi*, de Hugo Farsito.

O *corpus rhythmicum marianum* do Alc. 149 está ausente do Madrid 110, onde vamos encontrar, na sequência dos milagres marianos, cópia incompleta da I e II partes do *Liber Sancti Iacobi*, contido no famoso *Codex Calixtinus* da catedral de Santiago de Compostela.

¹¹ Não será fora de propósito louvar a iniciativa de CLAUDIO LEONARDI e seus colaboradores de editarem, a partir de 1980, sob os auspícios do Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, de Spoleto, o *Medioevo Latino — Bolletino bibliografico della cultura europea dal secolo VI al XIII*. Os três primeiros volumes são prova manifesta da amplitude alcançada no domínio bibliográfico medieval.

¹² RICHARD P. KINKADE, «A new latin source for Berceo's *Milagros*. ms. 110 of Madrid's Biblioteca Nacional», *Romance Philology*, 25, n.º 2, Nov. 1971, pp. 188-192.

Creemos que a presença deste terceiro elemento é suficiente para atribuir uma origem hispânica (e não francesa como admite R. P. Kinkade) ao códice madrileno¹³. Efectivamente ele aparece como um tanto espúrio no conjunto. Bastará reparar na unidade que o texto *De Nativitate Beatæ Mariæ Virginis*, da I parte forma com os *Miracula B. M. V.* da II parte, num esquema que se aproxima bastante das *Vitæ Sanctorum*. O facto de se poder reconhecer um único copista na sua redacção é um factor a mais para levar a pressupor uma motivação local para o acrescentamento do *Liber Sancti Iacobi*. E, à falta de outro testemunho, a conjectura recai sobre o lado hispânico.

Mas, se este dado pode ter alguma pertinência para confirmar a existência de uma fonte latina utilizada por Berceo nos *Milagros*, há uma variante de ordem no lugar que ocupa o milagre de Teófilo (colocado no final da obra de Hugo Farsito) que será suficiente para retirar ao códice madrileno tal qualidade.

Por este motivo importará sublinhar que o códice alcobacense da Bibl. Nacional em Lisboa está mais próximo da fonte utilizada por Berceo que o madrileno. E não será de todo inútil repetir¹⁴ que o nosso Alc. 149 mantém maior fidelidade às séries originais que o Copenhague Thott 128.

Assim, ainda que nem todos os problemas das fontes utilizadas por Berceo estejam plenamente solucionados¹⁵, o alargamento da base de testemunhos poderá eventualmente facilitar a compreensão dos dados numa dimensão menos restritiva¹⁶.

¹³ É evidente que a nossa interpretação não passa de uma conjectura baseada na maior verosimilhança. A assinatura de proprietários tais como Luís de mot bonno, ou as anotações marginais em francês, apenas poderão provar que o códice esteve em França (ou na Catalunha?), onde acabaria por despertar a atenção e o interesse de alguém que lhe retiraria a *Historia Turpini* que constituía a parte final do *Liber Sancti Iacobi*.

¹⁴ Apontámo-lo também em «Testemunho Alcobacense de Fonte Latina de *Los Milagros de N.ª Señora de Gonzalo de Berceo*», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1, 1981, pp. 41-43.

¹⁵ Cfr., por ex., ELIZABETH DRAYSON, «Some possible sources for the introduction to Berceo's *Milagros de Nuestra Señora*», *Medium Aevum*, 50, 1981, pp. 274-283.

¹⁶ Que poderá significar a presença da obra de Hugo Farsito nos dois códices apontados? Que valor interpretativo oferece a sequência com os milagres de Santiago? Perguntas que deixamos apenas formuladas, sem pretender apontar-lhes uma resposta.

3. Concordâncias Bíblicas Medievais

O Alc. 439 é constituído por um volume de Concordâncias Bíblicas, mas, uma vez mais, tem ele sido esquecido nos elencos respectivos.

A notícia a seu respeito vem incluída nos *Commentaria* de Fr. Fortunato de S. Boaventura, dada com a pertinência que a informação disponível ao tempo lhe proporcionava, suficiente para criticar as atribuições feitas pelos seus confrades no *Index Codicum* de 1775, ou na *Alcobaça Ilustrada*, e bem assim por Diogo Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana*, mas limitada quanto à própria interpretação dos dados disponíveis¹⁷.

Trata-se efectivamente de um exemplar das Concordâncias Bíblicas segundo o terceiro modelo elaborado pelos Dominicanos de St. Jacques em Paris, na parte final do séc. XIII, e difundido, a partir daí¹⁸. Deduz-se tal facto do prólogo, que reproduz o prefácio conhecido daquele tipo de Concordâncias: *cuiuslibet volenti requirere Concordancias in hoc libro unum est primitus attendendum, videlicet quod est in primis concordanciis que dicuntur Concordantie Sancti Iacobi...*

Confirma-o igualmente o modelo de referenciação e o contexto apresentado.

A presença de um volume de Concordâncias Bíblicas num Fundo de biblioteca cisterciense é um facto plenamente normal e integrado nas preocupações culturais da Ordem. O catálogo de Claraval elaborado em 1472 (na sequência dos regulamentos estipulados pelo Capítulo Geral de 1459) regista nada menos que 17 volumes de concordâncias, logo a seguir a 34 exemplares de Sagrada Escritura, em 44 volumes¹⁹. Ao primeiro tipo de concordâncias pertenciam pelo menos dois exemplares²⁰, e do terceiro modelo a casa mãe de Cister guardou do séc. XIII 9 exemplares, três deles conservados hoje em Dijon e seis em Troyes²¹. Sintomaticamente, o primeiro exemplar

¹⁷ FR. FORTUNATI A D. BONAVENTURA, *Commentariorum de Alcobacensi Manuscriptorum Bibliotheca Libri Tres*, Coimbra, 1827, p. 213.

¹⁸ Cfr. R. H. ROUSE & M. A. ROUSE, «The verbal Concordances to the Scriptures», *Archivum Fratrum Praedicatorum*, 44, 1974, pp. 5-30.

¹⁹ M. H. D'ARBOIS DE JUBAINVILLE, *Études sur l'état intérieur des Abbayes et principalement de Clairvaux au XII.^e et au XIII.^e siècle*, Paris, 1858, pp. 74 ss.. Cfr. igualmente ANDRÉ VERNET — JEAN-FRANÇOIS GENEST, *La Bibliothèque de l'Abbaye de Clairvaux du XII.^e au XVIII.^e siècle*, Paris, 1979.

²⁰ R. H. ROUSE & M. A. ROUSE, *loc. cit.*, p. 26.

²¹ *Id.*, *ib.*, pp. 28 e 30.

documentado deste modelo que viria a tornar-se canónico procede de uma casa cisterciense²².

O exemplar conservado no Fundo de Alcobaça deixa supor pelo próprio cólofon²³ que a cópia terá sido elaborada em scriptorium monástico (sem que nada confirme, no entanto, a atribuição feita pelo *Index Codicum*). Por outro lado denota uma conservação muito cuidada, sem marcas sensíveis de utilização, o que leva a excluir talvez um acesso dentro de ambiente escolar. A elaboração, por sua vez, foi extremamente cuidada.

Reconhece-se efectivamente uma grande regularidade tanto na estrutura dos cadernos (49 quaternos e 2 ternos — o 8 e o 51) como no preenchimento da página a 3 cols., e com zonas bem definidas para lema, referência e contexto. No fol. 71 podemos recolher o seguinte plano de página:

3 cols. / 60 L / 27.5.16.6.37.5.18.6.38.5.23.39.75.

ou seja: 3 colunas, com 60 linhas e um espaço compreendido entre as margens de 27 mm (interna) e 75mm (externa); a zona de referência e de contexto são delimitadas por colunas de 5/6 mm; o próprio contexto recebe um espaço que tende a alargar da esquerda para a direita. O lema, por seu lado, ocupa uma linha, a partir do enfiamento da referência.

O começo de cada nova letra é marcado com uma inicial em que azul e vermelho alternam para o corpo da letra e filigrana de ornamentação. Um pormenor neste domínio nos chama a atenção. A grande inicial A, em tamanho maior que qualquer outra, foi recortada e substituída juntamente com as duas primeiras linhas de concordância por um remendo que, pelo tipo de letra e cosedura do pedaço de pergaminho na dobra da encadernação se tem de considerar primitivo. Resta do desenho antigo a voluta que desce ao longo da margem interior e flecte em final de coluna, onde termina em figura de grifo. São visíveis ainda as cores de azul, vermelho, castanho e ouro. Este dado sugere-nos uma explicação para a eliminação desta inicial em ambiente cisterciense: um zelo mal com-

²² Trata-se de uma referência dada pelo *Chartularium Universitatis Parisiensis*, I, ed. H. DENIFLE et E. CHATELAIN, Paris, 1889, 645 e 649 n. 12, em que um estacionário de Paris menciona umas «Concordancie de Valle Lucenci C pecias et VIII», ou seja uma Concordância com 108 pecias feitas sobre um exemplar do convento dos cistercienses de Vauluisant; cfr. R. H. ROUSE & M. A. ROUSE, *loc. cit.*, p. 19.

²³ «Dextera scriptoris careat gravitate doloris. Expliciunt Concordancie. Deo gratias. Amen».

preendido em aplicar as normas ditadas pelos Estatutos dos Capítulos Gerais cistercienses²⁴, ou recolhidas na leitura de S. Bernardo.

Do ponto de vista material, um outro dado chama a atenção, uma vez que pode ser indício da intervenção de mais que um escriba na cópia desta Concordância: a maneira de lançar os reclamos. Enquanto nos cadernos 1-11 estes aparecem em alinhamento horizontal ao fundo e à direita no fólio final de cada caderno, preenchendo o intervalo formado por dois traços de regramento, nos cadernos seguintes (12-50), os reclamos obedecem à mesma estrutura material, mas são orientados em sentido vertical.

Não sendo uma espécie rara, esta Concordância Bíblica medieval, do séc. XIII/XIV, merece todavia não ficar esquecida e aparecer na série dos outros exemplares conhecidos²⁵, até para que se possa estabelecer com maior precisão o próprio mapa da difusão destes instrumentos de trabalho. Que este exemplar funcionou como tal prova-o o facto de a sua encadernação ter sido substituída em data que não é possível estabelecer com certeza, mas possivelmente (a julgar pela técnica empregada) dentro do séc. xv.

★

A Biblioteca Pública de Évora guarda um outro exemplar de Concordâncias Bíblicas, o Cod. CXXIV/1-8, procedente dos Carmelitas de Dijon e assinado por João Borreti, que o terá cedido pelo preço de seis florins, conforme indicação fornecida no último fólio. Trata-se de um códice de 17 × 22 cm, com 184 fols. (com numeração errada pela repetição dos n.ºs 161 e 163), formando 9 octónios + 3 sénios + 1 bínio. A página apresenta a seguinte configuração:

63 L/6 cols./26. 30. 4. 19. 4. 19. 4. 19. 4. 21. 35 (202) × 20. 281. 62 (281).

²⁴ Tratar-se-ia efectivamente de zelo excessivo que não parece tenha merecido sequer a anuência total do próprio S. Bernardo. Cfr. FRANÇOISE BIBOLET, «Les manuscrits de Clairvaux au XII. e siècle», *Congrès Archéologique de France*, Troyes, 1955, pp. 176-179.

²⁵ A série mais larga que conhecemos, mas onde faltam os dois códices aqui referidos, é a elaborada por R. H. ROUSE & M. A. ROUSE, *loc. cit.*. Aí se registam entre as Concordâncias recolhidas em Bibliotecas de diversos países: 28 exemplares do primeiro tipo de St. Jacques de Paris; 16 do segundo tipo; e 81 do terceiro.

O interesse principal deste códice eborense está no facto de constituir mais um exemplar a incluir no primeiro tipo das Concor-dâncias de St. Jacques. Efectivamente, não só falta o prefácio do terceiro tipo, como são idênticos àquele tipo primitivo o incipit (*A, a, a*) e o explicit (*Zorobabel*).

Não consta quando terá chegado a Portugal, mas documenta só por si o interesse dado também entre nós a obras deste género certamente ainda dentro do período medieval.

AIRES AUGUSTO NASCIMENTO